

PERSPECTIVAS FRONTEIRIÇAS ATRAVÉS DE PESCADORES NA FRONTEIRA

Paola Stefanutti¹Valdir Gregory²Nelson de Castro Neto³

Resumo: Este estudo versa sobre memórias de pescadores de Foz do Iguaçu, analisando suas vivências nas fronteiras físicas concernentes à atividade pesqueira. O procedimento metodológico adotado busca interpretar dados obtidos através de narrativas de alguns deles, sendo considerada uma pesquisa oral temática. Foram realizadas quatro entrevistas com pessoas envolvidas com a atividade pesqueira. Além das entrevistas, a pesquisa conta com bibliografia sobre diversos temas que surgiram no decorrer das análises, como pesca, fronteiras e alimentação. O olhar a essas fontes e a essas personagens da história local fará deste texto ser registro de memórias e de fontes de pesquisa. Também é dada importância às águas, cenário comum aos entrevistados e que faz parte do imaginário do Oeste do estado do Paraná. Colabora-se com as discussões sobre fronteiras, em especial sob a perspectiva de quem as vivencia, não sendo algo distante, mas algo que faz parte do cotidiano, e está logo ali ou logo aqui. As discussões sobre as fronteiras físicas levantadas através das narrativas desses pescadores é a contribuição deste trabalho.

¹Doutoranda do Programa de Sociedade, Cultura e Fronteiras – UNIOESTE. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR, no campus de Foz do Iguaçu.

²Professor do Programa de Sociedade, Cultura e Fronteiras – UNIOESTE.

³Mestre em Desenvolvimento Regional pela UNIOESTE. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR, no campus de Foz do Iguaçu.

Abstract: This paper is about memories of fishermen from Foz do Iguaçu, analyzing their experiences in physical boundaries concerning to fishery. The methodological procedure adopted search interpret data obtained through the narrative, considered thematic oral history research. Four interviews with people involved in the fishery were carried out. Besides the interviews, research has literature on various themes that emerged in the course of analysis, such as fishermen, borders and feed. The look to these sources, character memories of local history, this text will be memories and source. It is given importance to water, common scenario of respondents and which is part of the imaginary about west of state of Paraná. It collaborates with the discussions about boundaries from the perspective of those who experience it, it is not something far away, but something that is part of everyday life, and is right there or right here. Discussions on the physical boundaries raised through the narratives of these fishermen is the contribution of this work. **Keywords:** Borders, experiences,

Introdução

Este artigo refere-se a uma parte de uma pesquisa em andamento em que se analisam memórias de pescadores de Foz do Iguaçu, através de suas narrativas sobre vivências e comportamentos alimentares. Será discutida uma das linhas que derivou desta pesquisa maior, sendo essa das fronteiras físicas encontradas nas narrativas desses entrevistados, tendo como pano de fundo a discussão sobre a atividade pesqueira. Quando o termo “atividade pesqueira” é referido, a maioria das pessoas se remete a alguns elementos principais que compõem essa atividade, como os pescadores, os peixes, os comerciantes, os consumidores, os métodos de pesca, os materiais específicos da atividade, as embarcações, o período de defeso, o valor do pescado, o transporte, o armazenamento do produto. Enfim, são itens que fazem parte da cadeia produtiva do pescado, porém olhando através desta cadeia produtiva e pensando onde se inicia a sua existência, tem-se um

espaço específico: as águas - cenário, aliás, dividido por todos os pescadores e entrevistados desta pesquisa.

No texto "Representações de Natureza na Fronteira", de Gregory (2011), nele o autor discute a integração dos sertões do Paraná ao Brasil através das ferrovias e das vias fluviais, trazendo destaque ao elemento água. Trata-se da utilização das vias fluviais como transporte, como comunicação, como escoamento, como atração turística, como limite territorial, como potencialidade de cultivo agrícola. E pode-se acrescentar a água como fator básico de vida, água de beber, água de cozer e água fornecedora de alimentos. E, então, portanto, a água como meio de labor e de subsistência dos trabalhadores da região, em especial dos pescadores. Fundamentam-se alguns motivos que fazem o Oeste do Paraná ser reconhecido pela força das suas águas, afinal Foz do Iguaçu é um município de economia turística por motivo das suas águas. De um lado são as águas do Rio Iguaçu vindas do leste paranaense e que não só se precipitam nas Cataratas do Iguaçu, como depois passam por baixo da Ponte Tancredo Neves (que liga Foz do Iguaçu à Argentina), até logo chegarem ao Rio Paraná, no Marco das Três Fronteiras, cujo cenário é a confluência, o encontro dos três países: Brasil, Paraguai e Argentina. De outro lado são as águas do Rio Paraná que, represadas, primeiro movimentam a Usina Hidrelétrica de Itaipu e, em seguida, passam por baixo da Ponte da Amizade (que liga Foz do Iguaçu ao Paraguai), para, um tanto adiante, chegarem ao mencionado Marco das Três Fronteiras. Com a formação do lago da Itaipu relata-se então a água como espaço de lazer dos moradores locais, como a Prainha de Três Lagoas e a Prainha de Santa Terezinha de Itaipu. As duas "prainhas" foram formadas através do referido represamento do Rio Paraná. Certamente, a imagem vinculada à localidade tem relação direta com a água, a nascente, a correnteza, a passagem, a paisagem, os rios, os cenários, os registros, a beleza da natureza, e a ousadia das mãos humanas interferindo no caminho original das águas. Assim, é difícil pensar em Foz do Iguaçu sem uma foz² e sem um iguaçu³.

Pode-se ainda verificar as toponímias dos municípios limítrofes do Lago de Itaipu, além do município já referido: Entre Rios do

² Palavra originária do latim, que significa "passagem estreita", e utilizada para designar o local onde um corpo de água fluente desemboca em outro

³ O termo iguaçu em tupi-guarani, significa água grande.

Oeste, Santa Helena (intitulada “A Terra das Águas”); Guaíra (que significa lugar de difícil acesso, por causa das águas); São Miguel do Iguçu; Itaipulândia; e Santa Terezinha de Itaipu. São nomes de lugares que carregam simbolismos e reforçam a formação das identidades locais. Essas e outras reflexões juntam-se em um quebra-cabeça sobre a importância das águas para o local, para quem depende diretamente (pescadores, contrabandistas) ou indiretamente (moradores, turistas, comerciantes) desse caminho/passagem estreito de grandes águas.

Após a ênfase dada à importância das águas para Foz do Iguçu, é impossível abordar a localidade sem associar a informação de que o município se encontra em uma tríplice fronteira do Brasil com a Argentina e o Paraguai. A questão fronteiriça é tema de inúmeras teses, dissertações, artigos e livros, apresentando diversos focos de análise, como pioneirismo, expansionismo, massacre, destruição, heterogeneidade, homogeneidade, hibridismo, alteridade, harmonia no caos, entre outros.

Para esta pesquisa, segue a discussão sobre a atividade pesqueira em um contexto de fronteiras, dialogando com autores das temáticas, dentre eles o consagrado sociólogo brasileiro José de Souza Martins, a partir de sua obra “Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano”. Dedicado à questão da terra, suas fronteiras e a relação social envolvida nesse cenário peculiar da zona fronteiriça, o autor analisa a fronteira a partir do humano com base em uma perspectiva antropológica e sociológica.

Ao discorrer sobre fronteira, uma das primeiras associações que perpassa a mente é a questão de limite de Estado-Nação, divisão entre países, e suas regiões limítrofes, porém seu significado transcende essa superficial definição. Além de limite territorial, ao refletir sobre esse tema, deve-se levar em conta que há outras tipologias de fronteiras. Conforme Antônio Marcos Myskiw (2005, p.227) - outro autor que discute o espaço fronteiriço - são tipos que estarão sujeitas à “natureza da discussão a ser realizada”. Assim, dependendo do ponto de vista, pode-se visualizar a fronteira no plano simbólico, no plano humano ou no plano social, sendo esse um entre-espaço em que fronteiras invisíveis são criadas e reafirmadas através de discursos, através da própria história, através da mídia, entre outras possibilidades. Até nos animais irracionais se observa que há fronteiras delimitadas e demarcadas através da urina, de hormônios, de feromônios... demarcações que, em sua maioria, são fronteiras territoriais.

[...] fronteira de modo algum se reduz e se resume à fronteira geográfica. Ela é fronteira de muitas e diferentes coisas: fronteira da civilização (demarcada pela barbárie que nela se oculta), fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da História e da historicidade do homem. E, sobretudo, fronteira do humano. (MARTINS, 1997, p. 13, grifo do autor).

Essa não é apenas uma tríplice fronteira, mas uma zona fronteiriça onde se estabelecem não apenas fronteiras físicas dos três países e de suas três águas - Rio Paraná, Rio Iguaçu e Lago de Itaipu -, mas de grupos sociais, como árabes-mulçumanos, árabes-cristãos, paraguaios, argentinos, chineses, brasileiros de diversas localidades, iguaçuenses, entre tantos outros, além de comerciantes do Paraguai, comerciantes do Brasil, professores, ex-barrageiros, funcionários da Itaipu, pescadores e demais profissionais do município. Parte-se da concepção de uma múltipla fronteira, onde as peculiaridades se tornam rotineiras e o cotidiano se torna exceção.

Evidencia-se que esta é uma escrita na fronteira que busca levantar fronteiras do cotidiano desses pescadores através de suas narrativas. Manteve-se o constante cuidado/zelo de explicitar a visão do entrevistado e não a perspectiva dos autores sobre o tema. Essa perspectiva se diferencia daquela que ocorreu com os documentos escritos nesta localidade sobre a mesma no século XX, material esse analisado por Gregory (2014) e que visualizou claramente o ponto de vista dos escritores e não a percepção das pessoas que ali moravam.

O procedimento metodológico adotado neste trabalho busca interpretar dados obtidos através das narrativas de pescadores, sendo considerada uma pesquisa oral temática. Esse procedimento pode então ser visto como um método de pesquisa que busca conhecimentos sobre o passado, não sendo “[...] um fim em si mesmo, e sim um meio de conhecimento” (ALBERTI, 2005, p. 29), para a investigação que se pretende realizar.

A opção pela metodologia da pesquisa oral foi influenciada pelo autor Cardin (2014), que consegue dar vida aos sujeitos entrevistados retratando suas aflições, dúvidas, inquietudes, omissões, frustrações, suspiros, orgulhos, sensações únicas, podendo até proporcionar momentos de o leitor se imaginar no local da

entrevista ou da conversa (como ele nomeia seus diálogos com os sujeitos), como se o leitor estivesse participando ou quase entrevistando junto com o pesquisador. Esse tipo de método estabelece uma relação mais humanística entre sujeito e pesquisador, fornecendo subsídios para uma compreensão, através das narrativas faladas e/ou omitidas, adicionais e algumas vezes até opostas às narrativas predominantes, sendo estas vivas, compostas de pessoas reais, que possuem memórias, que sentem, presenciam, narram e vivem. Desse modo, esta pesquisa buscou uma visão do cotidiano, procurando, além de sua atividade pesqueira, olhar para o pescador, e vislumbrar o ser humano, com suas narrativas, seus gestos, seus suspiros, suas atitudes, seus espaços e cenários.

Essa visão pode encontrar respaldo nas teorias discutidas pelo semiótico argentino Walter Mignolo. Dentre as teorias desse teor, pode-se dizer que este trabalho possui uma visão “gnosiológica”, embora não no sentido religioso, místico ou espiritual. Como diz Mignolo (2003, p.30 a 33): “A gnose permite falar de um ‘conhecimento’ além das culturas acadêmicas”. Nessa linha, a gnose seria uma ruptura com o pensamento racional e cartesiano, proporcionando e valorizando os conhecimentos muitas vezes tidos como não científicos, sendo conhecimentos adquiridos através das vivências dos que estiveram ou estão em um determinado espaço: “A gnose liminar, enquanto conhecimento em uma perspectiva subalterna, é o conhecimento concebido das margens externas do sistema”. Apesar de os textos trabalharem sobre situações, cenários, ângulos e pessoas diferentes, este texto e Mignolo convergem para apresentar e aprender com aqueles que vivem e refletem seus próprios saberes. Outro ponto notável é a escrita de Mignolo (2003), pois, em diversos momentos do texto, o autor conversa diretamente com o leitor, utilizando os tempos verbais em primeira pessoa e comunicando suas intenções, opiniões e inquietações.

As entrevistas com pescadores e ou familiares que viveram o período da pesquisa dispuseram da elaboração de um roteiro prévio. Informa-se, porém, que, além dessas entrevistas, o trabalho contou com uma diversificada bibliografia sobre os temas, trazendo à mesa - dessa simbólica refeição acadêmica - discussões de autores voltados às temáticas de pescadores e fronteiras.

Sem ser um assunto provocado diretamente durante as entrevistas, as fronteiras que circundam o cotidiano desses pesca-

dores ou de seus familiares foram sendo identificadas no decorrer de suas narrativas. É possível que a não intencionalidade tenha gerado um ambiente propício para narrar naturalmente fatos sobre essas fronteiras sem que se dessem conta disso e assim se opuseram a potenciais respostas prontas e formadas, com definições de fronteiras que não fazem parte e não representam o cotidiano vivenciado - isso, porém, é apenas hipótese.

Neste texto foram trabalhadas quatro entrevistas, que foram gravadas, transcritas e analisadas no decorrer desta escrita, tudo realizado com autorização de Termo de Consentimento para a utilização dos dados. Como o objetivo deste não era o estudo linguístico da fala desses pescadores, optou-se pela transcrição das narrativas ajustando erros de português gramatical, vícios de linguagem, formas coloquiais, porém procurando manter os sentidos das falas. Durante a escrita deste trabalho optou-se pela utilização dos nomes dos entrevistados, tal como eles se autodenominam, e são conhecidos nas imediações e em suas relações sociais. Justifica-se, portanto, a utilização do apelido e do "Seu", em dois casos, sendo uma alteração fonética do pronome de tratamento "senhor". A disposição em que foram apresentados não indica grau de importância dentre eles, mas apenas a ordem cronológica das entrevistas. Assim, os entrevistados foram Seu João, Iracema, Popeye e Seu Valdemar. O olhar a essas fontes, esses personagens da história de Foz do Iguaçu, fará este, ser memórias e fonte.

João Aparecido Sacoman, ou Seu João, como ele se autodenomina, de cinquenta e oito anos, veio de Pacaembu, interior de São Paulo, em 1987, porém até 1990 "trabalhou fichado"⁴ como garçom e pescava só aos fins de semana e nas folgas. Em 1990, ele se desligou do emprego formal para se dedicar à atividade pesqueira, indo morar na barranca do Rio Iguaçu em 1996 e, depois, mudou para o Lago de Itaipu em 2001. Interessante é notar a ligação entre o local de pesca e sua própria residência: "[Em 1996] eu larguei tudo para ir pescar mesmo, definitivo, até eu morava lá na barranca do Rio Iguaçu, eu morava lá mesmo no Rio Iguaçu, sempre morei no local de pesca, sempre"⁵. Essa relação entre o local de pesca e o sentido de casa, residência, moradia, será algo abordada por outros pescadores, sendo pertinente retornar em um outro momento.

Iracema Berlanda de Andrade, hoje com setenta anos, viúva do pescador Aristeu Matos de Andrade, é gaúcha de Veranópolis, e

veio do Rio Grande do Sul com dez anos com destino a Matelândia, onde morou até os dezesseis anos. Com dezessete anos, em 1961, e casada, mudou-se para Foz do Iguaçu com sua família. Aristeu, seu esposo, era natural de Anita Garibaldi, do estado de Santa Catarina, e, apesar de ter falecido há dezessete anos, as histórias de Aristeu permanecem nas memórias de Iracema. Desde que chegaram à localidade moravam às margens do Rio Paraná, até saírem de lá por conta da desapropriação da Itaipu, em 1979. Nesse contexto, uma frase da entrevistada pode ser destacada:

Aí nós moramos lá dentro onde é a Itaipu, nós morávamos lá. Nós morávamos pertinho do Rio Paraná, em cima praticamente do Rio Paraná, daí não sei se você conheceu o Alvorada, Vista Alegre, ouviu falar? Nós morávamos em Vista Alegre, então os fundadores da Vista Alegre foi a nossa família.

Essa frase de efeito com relação ao pioneirismo da família ao povoado deve ser levada em consideração. Parece que ela tem maior influência e poder. O discurso do pioneirismo continua sendo reproduzido pelas gerações da família. Representando que eles possuem um direito maior perante os demais, por chegarem primeiro e serem os pioneiros do local.

Popeye ou Moacir Zimmerman chegou a Foz do Iguaçu quando tinha cinco anos, em 1959, na área do Remanso Grande. Natural de Chopinzinho, Paraná, é descendente de alemães, poloneses e caboclos, e, orgulhosamente, conta que fala alemão. Hoje com sessenta anos de idade, ele começou a entrevista com a seguinte frase: "Eu sou do tempo que a Avenida Brasil⁷ era rua de chão".⁸Essa frase expressa, além de um discreto saudosismo, uma representação de pioneirismo e de pertencimento ao local, como se tivesse mais direito do que os demais, por estar ali, desde que a Avenida Brasil era rua de chão, pioneirismo também sentido na próxima entrevista. Ele foi o pescador mais antigo de Foz do Iguaçu, dos registrados nesta pesquisa, e sendo referenciado com respeito por outros pescadores como um dos primeiros do

⁴ SACOMAN, João Aparecido. Entrevista concedida em 25/11/2014 à Autora, Foz do Iguaçu.

⁵ SACOMAN, João Aparecido. Entrevista concedida em 25/11/2014 à Autora, Foz do Iguaçu.

⁶ ANDRADE, Iracema Berlanda de. Entrevista concedida em 1º/12/2014 à Autora, Foz do Iguaçu.

Rio Paraná. Alguns não o conhecem pessoalmente, mas a figura do Popeye, de pioneiro do rio, torna-o quase uma lenda entre os pescadores locais. Popeye voltará a aparecer mais tarde.

Valdemar Tozzi, de setenta e quatro anos, nascido em Pompeia, no estado de São Paulo, em 1941, mudou-se para o estado do Paraná ainda criança, o que gerou um sentimento de pertencimento, chegando a dizer que pode ser chamado de paranaense. Chegou a Foz do Iguaçu em 1978, para trabalhar no canteiro de obras da Itaipu. Ele, porém, não tinha interesse em falar sobre a obra, ou sobre a Itaipu, e só disse alguma coisa sobre o trabalho na obra depois de ser questionado diretamente sobre o fato. Hoje, Seu Valdemar é aposentado da pesca profissional.

Ficam assim introduzidos no texto os quatro entrevistados desta pesquisa, Seu João, Iracema, Popeye e Seu Valdemar, tendo estes chegado à localidade em 1987, 1961, 1959 e 1978, respectivamente.

2 Desenvolvimento

2.1 Fronteiras, Yacyretá e o ser transfronteiriço

Um dos tipos de fronteira levantados foi a fronteira física, a fronteira visual, sendo a mais perceptível de ser identificada nas narrativas, no distanciamento entre o eu e o Outro. Essa fronteira pode ser visualizada nas narrativas dos entrevistados quando foram abordados sobre a problematização da escassez de peixe. Três entrevistados fugiram do discurso clichê “a culpa é da Usina Itaipu” e desenvolvem uma fala sobre a Usina Yacyretá⁹, sendo que o Brasil estaria correto e a culpa desse problema se localizaria no Paraguai e na Argentina. Um dos pescadores que mencionou a Yacyretá, como o problema da escassez do peixe, foi Seu João:

Acabaram os peixes. Acabaram no Rio Iguaçu, acabaram também no Paranazão. Mas diz que tudo é a Yacyretá, que é aquilo lá que acabou com tudo, eles não deixam o peixe subir. Aquilo lá, aquele elevador deles lá, é só para tampar o olho, eu quero que pegue de surpresa uma fiscalização, para você ver mesmo. Quando a fiscalização vai lá eles estão avisados, e colocam para funcionar. Então isso aí não deixava os peixes subirem, e foi acabando e acabou¹⁰.

⁷ A Av. Brasil é, atualmente, uma das principais vias do comércio e dos bancos de Foz do Iguaçu.

⁸ ZIMERMAN, Moacir. Entrevista concedida em 19/12/2014 à Autora, Foz do Iguaçu.

Quem também falou sobre essa represa foi o neto da Iracema, Thiago, que pediu a palavra logo após uma discussão sobre a drástica diminuição da quantidade de peixes:

O problema maior não é a Itaipu, claro que gerou uma nova biodiversidade. Depois da Itaipu mudou o fluxo do peixe, mudou o fluxo da água, né? Migração de espécies, umas pararam de crescer, mas enfim, o problema maior está a quatrocentos, quinhentos metros para baixo, chama Yacyretá, em Corrientes, é uma usina hidrelétrica, no Rio Paraná que está entre Paraguai e Argentina, que não tem canal da Piracema. Daqui para baixo. Se explodisse essa usina, o problema tava resolvido, iria subir, surubim, pintado, dourado. [...] Então a Itaipu não é a culpada de tudo¹¹.

Thiago não é pescador profissional, mas tem uma relação com a atividade pesqueira como prática de lazer e esporte, e vive em torno do rio e de pescadores, porém possui um discurso que se alinha com as palavras de Seu João e Popeye e complementa sobre a represa Yacyretá:

[...] começaram a fazer as represas no rio, aí não tem mais acesso do peixe subir. Por exemplo, a Itaipu fez um acesso, o canal da piracema, então eles fizeram coisa boa, já tudo programado, a Itaipu programou, fez tudo certinho como manda a lei. Só que a Argentina e o Paraguai não fizeram[...]. Então o pescador pega os peixinhos, porque eles fazem a ceva¹². São dez, vinte, trinta sacos de milho durante o mês. O pessoal vai cevando para poder pegar uma piapara, entendeu? Então não tem mais acesso. Então esses países aí não têm consciência¹³.

Na fala acima o pescador personifica os países como se tivessem características humanas. Pode-se verificar como o Estado é imaginado na perspectiva popular, como um Estado-humano, bondoso, patriarcal, solidário, generoso ou insensível, negligente, miserável, malevolente. Então uma construção civil, com seus

⁹ Usina Hidrelétrica Binacional construída no rio Paraná entre Argentina e Paraguai, a quatrocentos quilômetros abaixo de Itaipu.

¹⁰ SACOMAN, João Aparecido. Entrevista concedida em 25/11/2014 à Autora, Foz do Iguaçu.

¹¹ ANDRADE, Iracema Berlanda de. Entrevista concedida em 1º/12/2014 à Autora, Foz do Iguaçu.

significados econômicos, políticos e sociais acaba se tornando o próprio Estado-nação. Toma-se a parte pelo todo, assim conformando uma figura de linguagem, uma metonímia, uma verdade imaginária.

É possível notar, nas narrativas apresentadas, uma visão comum de que a Itaipu é a única culpada da escassez do peixe, e estende seu discurso até a Usina de Yacyretá. Sutilmente percebe-se o distanciamento frente ao Outro, pois que, nesse caso, Paraguai e Argentina são os responsáveis pela escassez de peixe na localidade abordada.

Neste momento a análise se integra com a ideia de Martins (1997, p. 150-151): “Na minha interpretação, [...] a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade. É isso o que faz dela uma realidade singular”. Para o autor, é também encontro, conflito e desencontro: “À primeira vista é o lugar do encontro dos que, por diferentes razões, são diferentes entre si, como os índios de um lado e os civilizados de outro; como os grandes proprietários de terra, de um lado, e os camponeses pobres, de outro”. Acrescenta-se o paraguaio e o argentino e, do outro lado, o brasileiro, partindo da visão desses entrevistados. Ou, como pode ser observado nas narrativas descritas acima, o conflito sobre a escassez de peixe gera o desencontro no discurso entre as três nações, que, dependendo da perspectiva, estão no local do encontro, das águas, da fronteira, da alteridade. Martins ainda completa que a fronteira é “[...] essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro”. Além de desencontro e conflito em função de diferentes concepções de vida e visões de mundo, “[...] o desencontro na fronteira é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da História”.

Além dessa questão, Popeye harmoniosamente trata do caminho do peixe:

Porque o nosso peixe, que nós pegávamos bastante antigamente aqui, ele sai do Pantanal do Mato Grosso, desce pelo Rio Paraguai e sobe pelo Rio Paraná para desovar, e era o peixe que nós pegávamos aqui para cima. Então como aquela represa Yacyretá não tem uma escadaria, não tem um canal da piracema para o peixe subir, dos anos

¹² Cevar é um método de alimentar/nutrir os peixes. Faz-se isso num ponto determinado com vistas a concentrar os peixes ali e facilitar a captura.

¹³ ZIMERMAN, Moacir. Entrevista concedida em 19/12/2014 à Autora, Foz do Iguaçu.

Paola Stefanutti, Valdir Gregory e Nelson de Castro Neto
noventa para cá fracassou completamente¹⁴.

Nessa explanação, o pescador conta detalhes sobre a vida do peixe: sua origem, caminhos percorridos, a busca pela desova e seu destino final. Compreende-se que o peixe de Foz do Iguaçu não é o peixe da região, mas o peixe das regiões. Isso equivale a afirmar que é um peixe além da fronteira, além da fronteira estadual ou nacional. É o peixe que nasce no Mato Grosso, cresce descendo pelo Rio Paraguai, indo até territórios institucionalizados da Bolívia, Paraguai e Argentina e sobe pelo Rio Paraná, para encontrar seu último rumo. Pode-se estabelecer uma analogia do peixe como representante do espaço fronteiriço, afinal, como definir se esse peixe é de uma determinada região, espaço ou água? A água que vai e que vem, água que vai e não volta, água que não se detém, água como local onde a partir dela se constroem fronteiras imaginárias, físicas e políticas. As águas são apenas um espaço que a todo segundo não é mais o mesmo. As águas não são mais as mesmas do segundo que acabou de passar. O tempo passou, as águas passaram, os peixes se foram e os pescadores ficaram. O peixe não “respeita” a fronteira, o peixe não conhece esses limites, seu espaço vai além deles, sendo, portanto, uma simbologia singular viva do ser transfronteiriço¹⁵.

2.2 Piracema no contexto fronteiriço

Outra narrativa em que se discute a fronteira física envolvendo os três países que dividem fronteiras e águas é a do Seu Valdemar, cuja moradia fica ao lado do Espaço das Américas, abaixo do Marco das Três Fronteiras, tendo uma visão privilegiada do caos cultural simbólico. Na sua fala sobre a piracema, ele diz que ela é incoerente, pois no Brasil são quatro meses de suspensão da pesca, enquanto que no Paraguai são quarenta e cinco dias e na Argentina apenas trinta dias. Como limitar qual é o espaço de um e qual o espaço do Outro? “Do meio do rio para lá é Argentina, e do meio do rio para lá é o Paraguai.¹⁶”, completa

¹⁴ ZIMERMAN, Moacir. Entrevista concedida em 19/12/2014 à Autora, Foz do Iguaçu.

¹⁵ Termo trabalhado por Roberto Abinzano e discutido por Gregory (2014, p.211 e 212) nas notas explicativas, cuja significação perpassa a questão das vivências além e independentemente das fronteiras. .

o pescador contrariado.

Vale salientar que as entrevistas ocorreram na época da Piracema¹⁷, entre os meses de setembro de 2014 e janeiro de 2015. Esse é o período de reprodução de várias espécies de peixes e, portanto, um tempo de restrições na pesca, tempo que compreende o intervalo de 1º de novembro a 28 de fevereiro do ano seguinte. Alguns pescadores disseram que foi sorte as entrevistas ocorrerem nessa época, sendo possível encontrá-los em suas casas, pois, quando a pesca está liberada, isto é um fato raro.

Voltando à fala de Valdemar, estabelece-se um paralelo com a pesquisadora/autora Grazielle Ferreira, que faz reflexões e discussões sobre o limite fronteiriço do Brasil e do Paraguai no Lago de Itaipu. Apesar de estar falando sobre um ambiente aquático diferente, o Lago também é um local de alteridade, local onde pescadores de ambas as nacionalidades transitam e utilizam o espaço para a atividade pesqueira. Apesar de ser espaço diferente do leito natural do rio Paraná, ali, porém, também se estabelece o mesmo questionamento de como definir o limite territorial aquático entre Brasil e Paraguai, e como essa questão influencia nas relações sociais desses grupos. Uma das fontes orais da autora descreve, à sua maneira, algo que teóricos se removem para representar com tamanha eficiência a questão de fronteira, conforme segue: "[...] só que o peixe nada em todo o lugar e ele não têm dono, quem pegar consome e vende" (FERREIRA, 2012, p.11). Assim é com o ser humano, pois ele também está ali e lá, no Paraguai, no Brasil e na Argentina, está em contato com os três territórios ou com nenhum deles, simplesmente vivendo seu cotidiano.

A expressão anterior "ou com nenhum deles", foi proposital, pois, apesar de Seu Valdemar, como já exposto anteriormente, morar na barranca do rio abaixo do Marco das Três Fronteiras por mais de trinta anos, surpreende: "Na Argentina, nem no barranco do outro lado eu nunca fui. Eu tinha medo dos argentinos nos pegarem [riso envergonhado]. Então, nunca fui para o lado de lá

¹⁶ TOZZI, Valdemar. Entrevista concedida em 24/1/2015 à Autora, Foz do Iguaçu.

¹⁷ Ver Instituto Ambiental do Paraná - IAP: Disponível em: <<http://www.iap.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=706>>.

Paola Stefanutti, Valdir Gregory e Nelson de Castro Neto

e nunca comprei nada lá”.¹⁸ Ao contrário do que se pode supor, morar e viver em uma zona de fronteira não é sinônimo de acesso às relações fronteiriças e circulação livre pelos países vizinhos. Quanto a esse contexto, pode-se dialogar com Myskiw (2005, p.227): “A visão daqueles que dela [fronteira] vivem próximo é muito diferente daqueles que vivem longe da mesma”. Assim, a realidade de quem ali vive é bem diferente daquela do imaginário simbólico, de que todo morador usufrui da fronteira aproveitando os produtos com preços sem impostos no Paraguai e jantares com carne suculenta, acompanhado de vinho na Argentina. O imaginário não confere com a realidade informada pelos entrevistados.

Ainda analisando a fala de Seu Valdemar, ele demonstra que, quando a sensação de medo do Outro se torna mais forte do que a curiosidade do que possa existir do outro lado da fronteira e/ou do rio, esse morador não se torna parte da fronteira como espaço multi, de multiespaço, como se tem no imaginário comum, mas se torna parte da fronteira à sua maneira, ou fortalece suas próprias fronteiras. E a margem Argentina, que está logo à sua frente, fisicamente visualizada durante trinta anos, não é o seu lugar, mas o espaço do Outro.

2.3 Comidas e fronteiras

Outra discussão que perpassa a questão da região fronteiriça é a alimentação. Os dois entrevistados que colaboraram nessa discussão foram Popeye e Iracema, sendo os primeiros, dentre os demais entrevistados, que chegaram a Foz do Iguaçu. E em ambas as entrevistas aparece a prática de compras e/ou escambo de produtos nos países vizinhos, Argentina e Paraguai. Popeye relata sobre o cotidiano dessas trocas de produtos em território argentino:

Na época nós criávamos uns porquinhos, e trocávamos por farinha, azeite, galleta, alho, entendeu? Fazia troca, galinha caipira, porco, o que você levava você vendia, na hora. Era só chegar e entregar. E lá mesmo já pegava os produtos, nós chamávamos de provista, vamos trazer a provisão. A provista era o rancho na época. Trazer a

¹⁸ TOZZI, Valdemar. Entrevista concedida em 24/1/2015 à Autora, Foz do Iguaçu.

PERSPECTIVAS FRONTEIRIÇAS ATRAVÉS DE PESCADORES NA FRONTEIRA

prevista. [Essa frase repetida, ele falou com um sorriso no rosto, como se estivesse vendo, sentindo aquela sensação novamente, sensação de felicidade, de encher a despensa, e garantir a sobrevivência da família.] Aí, todo mundo vinha carregado, com latas de banha, farinha, banha da Argentina, grasa²⁰ de gado na época.”²¹.

Para esta discussão dialoga-se com o consagrado estudioso da história da alimentação no país, Luis Câmara Cascudo. Historiador, antropólogo, advogado e jornalista, o potiguar dedicou-se ao estudo da cultura brasileira, e também ao folclore. Dentre suas diversas obras, pode-se destacar o clássico sobre o tema: “História da Alimentação no Brasil”, com novecentas e quarenta e oito páginas. O livro é referência para quem trabalha sobre alimentação nacional. Assim, segundo Cascudo (2004, p.418): “A provisão alimentar é um hábito decorrente do inverno. Os animais guardadores de reservas pertencem aos países frios”. Tem-se que esse hábito não foi herdado dos indígenas, que tinham a concepção de caça e pesca para o sustento diário, não necessitando armazenar e fazer estoque alimentar. O temo provista, denominação referida por Popeye, possivelmente foi um neologismo criado para essa prática, não sendo encontrado em nenhuma fonte bibliográfica específica da área. Mais adiante Popeye conta que a grasa vinda da Argentina era muito utilizada para fazer o reviro, que é uma comida paraguaia.

Tal como Popeye, Iracema lembra que fazia compras/escambo na Argentina. Eles levavam ovo e galinha e trocavam por farinha, azeite, conservas, azeitona, doces, picles, “[...] aqueles doces marrom-glacé, aquelas latonas assim, era tudo muito fácil, as coisa lá”²². Ela conta da prática de chegar em território argentino, lembrando que a Ponte Internacional da Fraternidade ou Ponte Tancredo Neves²³ é de tempo posterior, de 1985.

¹⁹ Idioma espanhol, que significa bolacha e/ou biscoito.

²⁰ Idioma espanhol, que significa gordura e, portanto, gordura bovina, segundo os costumes argentinos.

²¹ ZIMERMAN, Moacir. Entrevista concedida em 19/12/2014 à Autora, Foz do Iguaçu.

²² ANDRADE, Iracema Berlanda de. Entrevista concedida em 1º/12/2014 à Autora, Foz do Iguaçu.

²³ Ponte que liga a cidade de Foz do Iguaçu-Brasil à cidade de Puerto Iguazú-Argentina.

Tinha um porto, que vai pelo Porto Meira, que era o porto de travessia da balsa. Era tudo de balsa, era um sofrimento tão grande, meu Deus do céu. Eles revistavam naquela época já, era meio reservado as coisas. De lá pra cá [da Argentina para o Brasil] principalmente, aqui não revistavam, aqui não tinha nada. Agora de lá, sempre foi um pouquinho mais seguro, eles olhavam, o que a gente trazia, mas nunca tomaram nada, era livre. Também a gente trazia tanta coisa nas costas, eu não trazia farinha, porque farinha tinha que trazer bastante, porque a gente gastava bastante, mas eu trazia latas de conserva, de tudo que era porcaria, porque era muito barato, então a gente trazia tudo o que era tipo de coisa, né, mas aquilo pesa, né? Não dava para trazer muita coisa, eu era magrinha.²⁴

É interessante destacar que o lado de lá, o lado do outro, era quem dificultava, revistava, olhava, sem tomar nada, porém trazendo uma sensação de incômodo e segurança na mesma fala. Discutindo mais uma vez com Martins (1997), fica mais uma vez o registro da fronteira estar constituída em lugar da alteridade.

A facilidade, e/ou não, de ir e vir, daquele tempo, traz também outras boas recordações à entrevistada, como as compras feitas no Paraguai. Essas compras não eram, porém, feitas em Ciudad del Este, cidade conhecida atualmente como centro de compras, mas, sim, em Hernandarias, passando o rio Paraná de canoa. Ela nomeia dois produtos principais comprados em terras paraguaias, ou seja, carne bovina e galletas. Sobre esse período, ela recorda do momento do nascimento do primeiro filho em solo iguaçuense, em que existia a recomendação de que, durante a dieta da quarentena²⁵, a mulher não poderia comer peixe:

Aquele dia, quando meu filho nasceu, e nós não tínhamos pão, não tínhamos nada, tínhamos dinheiro, mas não tínhamos onde comprar, ele [Aristeu, o esposo] foi lá em Hernandarias, era oito quilômetro dali até o rio, atravessou o rio de canoa, e foi lá em Hernandarias buscar galleta, aqueles pãezinhos duros, sabe? E nasceu o nenê de manhã cedo e esperei até de tarde para comer, porque não podia comer outra coisa [ela soltou uma deliciosa gargalhada]. Era a quarentena, era um suplício.²⁶

²⁴ ANDRADE, Iracema Berlanda de. Entrevista concedida em 1º/12/2014 à Autora, Foz do Iguaçu.

²⁵ No meio rural, era muito comum ser respeitado o resguardo da mulher parturiente, com diversas normas, entre proibições e recomendações. Cascudo (2004, p.652) já menciona a prática: "A tradição antiga fazia consistir o resguardo em alimentação exclusiva de galinhas. Era costume português. [...] O resguardo correspondia a uma dieta alimentar fixa, com a obrigatoriedade da observação fiel".

Ela conta que demorou um tempo até comprarem a primeira vaca leiteira, compra que ocorreu quando já tinham quatro crianças entre seus filhos e os de suas irmãs:

Tinha que buscar uma vaca pra tratar de todas essas crianças, foram lá no Paraguai, compraram uma vaca e trouxeram a nado no Rio Paraná. Ela passou nadando, sim, senhora. A vaca, eu queria ter foto, para registrar essas coisas. O nome dela era, Princesa ou Mansinha, uma coisa assim. Eram duas que nós tínhamos depois. Mas daí essa vaca é que nem a história da Santa Genoveva. Alimentou todos os filhos, nunca parava de ter leite [risos, lembrando dos tempos antigos].²⁷

Nessa fala ainda se constata a fotografia como sendo registro da veracidade dos fatos, e como facilitador de ativação da memória, de relembrar os fatos ocorridos. Faz-se um paralelo com o autor brasileiro João Carlos Tedesco, que discute questões relacionadas à memória cultural e a objetos e fotografias. Assim Tedesco (2011, p.146) diz que: "As imagens representam fragmentos de momentos de vida, de sua compreensão das coisas, do mundo, seus imaginários e representações, suas produções e idealizações". A imagem que Iracema gostaria que tivesse sido registrada reforçaria a narrativa da atípica travessia a nado que a vaca fez no rio Paraná.

Ainda neste contexto de memórias alimentares envolvendo as fronteiras, Iracema relata que, quando o sogro, que morava em Santa Catarina, vinha visitar a família em Foz do Iguaçu:

[...] tinha que ir ao Paraguai buscar um pardo pra ele, ou aqui um veado, pra eles comerem o pastel de carne de veado. Não tem coisa melhor, guria. [risos] Pegava o pernil do veado, do pardo, moía aquela carne, a gente tinha uma maquininha de moer assim, moía aquela carne e fazia o pastel. Que delícia, menina. Mas a gente fazia a massa, fazia tudo em casa, né? Era muito bom aquilo. Eu não sei se era porque era uma carne magrinha, o que, que era, e a gente colocava bastante tempero.²⁸

²⁶ ANDRADE, Iracema Berlanda de. Entrevista concedida em 1º/12/2014 à Autora, Foz do Iguaçu.

²⁷ ANDRADE, Iracema Berlanda de. Entrevista concedida em 1º/12/2014 à Autora, Foz do Iguaçu.

²⁸ ANDRADE, Iracema Berlanda de. Entrevista concedida em 1º/12/2014 à Autora, Foz do Iguaçu.

Nesta narrativa a entrevistada levanta outra questão: a carne trazida do Paraguai para Foz do Iguaçu. Sendo este ato, um ato ilegal. Porém o que o torna ilegal? Ser abatida em um país e ser consumida em outro? Evidencia-se como a fronteira nacional pode influenciar na alimentação, seja por mudanças de leis que permitam ou não a caça, o abate e a comercialização de determinado animal, ou pela sensação de estar consumindo um produto que veio de outro país. Parece que o pardo do vizinho é sempre mais saboroso. A fronteira como divisor de práticas alimentares, que pode ser transpassada e consumida, uma fronteira comestível, uma fronteira simbólica.

3 Considerações finais

Escrever sobre fronteiras em um ambiente fronteiriço, e analisar como essas fronteiras aparecem no cotidiano e nas vivências desses quatro pescadores e de seus familiares através de suas narrativas, fez desta narrativa um texto singular. Pode-se dizer que foram observadas as fronteiras no plano físico, sendo abordadas (i) questões fronteiriças envolvendo Brasil, Argentina e Paraguai, (ii) o represamento das águas da Usina de Yacyretá, (iii) o peixe como uma simbologia ímpar do ser transfronteiriço, como explanado ricamente por Popeye, (iv) a questão da piracema nesse contexto fronteiriço, (v) o medo do Outro, no caso, do argentino e (vi) a discussão sobre o comércio alimentício em fronteiras nacionais.

É relevante pensar a fronteira a partir daqueles que a vivenciam. Em muitas ocasiões as vivências podem revelar o além das teorias. Para eles que a vivenciam, a fronteira é o que é sentido, a fronteira é a que existe e interfere em seus cotidianos, em suas rotinas, podendo trazer prejuízos ou benefícios, embora, curiosamente, nesses relatos levantados se tenham sobressaído as lamentações. Assim, observar a fronteira por dentro das memórias que esses entrevistados quiseram partilhar é uma discussão a ser continuada. Acrescenta-se que, além das fronteiras apontadas, ainda surgiram outras que serão trabalhadas em momentos posteriores.

Então, portanto, a concepção de uma múltipla fronteira, onde as peculiaridades se tornam rotineiras e o cotidiano se tor-

na exceção, é real a partir da percepção de quem a observa e a analisa. Tem-se que nessa tríplice fronteira, nessa zona fronteiriça, onde os três países fazem fronteiras através das suas águas, cada participante pode ter a sua visão e a sua contribuição para os debates sobre fronteiras, sendo estas imaginárias e/ou não, criando e recriando as fronteiras em suas vivências, em suas memórias, em suas narrativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Manual de história oral. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.

CARDIN, Eric Gustavo. La historia de una vida en situación de frontera: migración, superación y trabajo en el "circuito sacoleiro". Revista de Estudios Sociales, núm. 48, enero-abril, 2014, pp. 100-109. Universidad de Los Andes. Bogotá, Colombia. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/815/81530018008.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

CASCUDO, Luís da Câmara. História da alimentação no Brasil. 3.ed. São Paulo: Global, 2004.

FERREIRA, Grazielle. O Lago de Itaipu como território fronteiriço da pesca: São Miguel do Iguaçú-Paraná (Brasil) – Hernandarias-Alto Paraná (Paraguai). Revista Perspectiva Geográfica Unioeste, v. 7, n. 8, 2012.

GREGORY, Valdir. Fronteiras múltiplas: narrativas sobre os sertões do Paraná. In: COLOGNESE, Silvio Antônio; CARDIN, Eric Gustavo (Orgs.). As ciências sociais nas fronteiras: teorias e metodologias de pesquisa. Cascavel, PR: JB, 2014.p.183-214.

GREGORY, Valdir. Representações de natureza na fronteira. Anais do V Colóquio Internacional Cultura e Memória Social. Unioeste Campus Foz do Iguaçú, 2011.

INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ - IAP. Informe sobre a piracema. Disponível em: <<http://www.iap.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=706>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

MARTINS, José de Souza. Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

MIGNOLO, Walter D. Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução: Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

Paola Stefanutti, Valdir Gregory e Nelson de Castro Neto

ENTREVISTAS

ANDRADE, Iracema Berlanda de. Entrevista concedida em 1º/12/2014 à autora, Foz do Iguaçu.

SACOMAN, João Aparecido. Entrevista concedida em 25/11/2014 à autora, Foz do Iguaçu.

TOZZI, Valdemar. Entrevista concedida em 24/1/2015 à autora, Foz do Iguaçu.

ZIMERMAN, Moacir. Entrevista concedida em 19/12/2014 à autora, Foz do Iguaçu.

1º semestre de 2015

p. 168-187

nº 2

v. 17

REVISTA DO CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E SAÚDE DA UNIOESTE - CAMPUS DE FOZ DO IGUAÇU

187

Idea-